

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, MAIO/2006 - ANO X - Nº 112

Foto Arquivo Pró-Memória

EDITORIAL

A sociedade paulista foi pega de surpresa, neste mês, por uma onda de violência sem precedentes em sua história. Atônito frente à intensidade das ações, o Estado viu-se impotente para impedir a difusão de atentados que se espalharam pela capital e interior. Em poucas horas, o crime organizado deixou dezenas de policiais mortos e feridos, famílias apavoradas, presos amotinados e reféns, além de milhões de pessoas sem transporte público, escolas sem aula, lojas e casas comerciais depredadas.

O prejuízo causado à sociedade é incalculável. O maior deles foi a perda da liberdade, uma vez que todos se viram nas mãos de bandidos. Foi a maior ação criminosa praticada em larga escala contra o Estado; uma ação terrorista deflagrada para intimidar toda a sociedade, já que não distinguiu alvos específicos: atingiu ônibus, lojas, bancos, escolas e creches. Ficou patente a falência do poder público, a quem compete zelar pela defesa e tranquilidade da população. Observou-se seu desaparecimento e despreparo para enfrentar a situação.

A repercussão internacional foi imediata, a imagem do país seriamente arranhada. Como investir num país que não dá segurança aos seus cidadãos?

Se a delinquência consegue, em pouco tempo, se articular, a partir de presídios, contra a sociedade, é preciso que se reaja contra esse mal e que se punam os responsáveis, com firmeza.

A falência do Estado há muito vem sendo observada e precisa ser revertida. São necessários investimentos e mudanças na legislação penal, e que a população cobre responsabilidade dos políticos, os quais deveriam trabalhar em prol da sociedade, porém cuidam apenas da própria sobrevivência. Basta de impunidade no Brasil, pois ela é o maior incentivo à criminalidade. Pequenos e grandes delitos devem ser penalizados. Ninguém pode pairar acima das Leis.

O momento é oportuno para que a sociedade discuta, exaustivamente, o problema, sem deixar que novelas ou a Copa do Mundo ofusquem essa grave situação. Falta ao país noção de prioridade em todas as áreas. Ou aproveitamos o momento para mudanças consistentes ou o caos se instalará, com as conseqüências que podemos prever.



Primeiro edifício construído para o complexo da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, a Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves será revitalizada, bem como seu entorno, tornando-se o Memorial da FPV.

Usina Hidrelétrica torna-se Memorial da FPV

Por iniciativa do General Álvaro Henrique Viana de Moraes, vice-presidente da IMBEL, foi criado um grupo de estudos composto por arquitetos, museólogos e historiadores, empenhado na revitalização da antiga Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves. Aquele edifício, que se encontrava deteriorado e desocupado havia muitos anos, será dada nova função transformando-o no Memorial da FPV. Essa idéia não poderia ter chegado em melhor momento, uma vez que, em setembro deste ano, a Usina Hidrelétrica e a Estação Ferroviária Rodrigues Alves, obras executadas pelo Exército brasileiro para servirem à Fábrica de Pólvora sem Fumaça, completarão cem anos. A inauguração dessas construções, em 1906, tornou-se marco histórico de nossa cidade. Plantados na paisagem, esses edifícios tornaram-se referências a ser preservadas e revitalizadas como símbolos da ação militar no Vale do Paraíba.

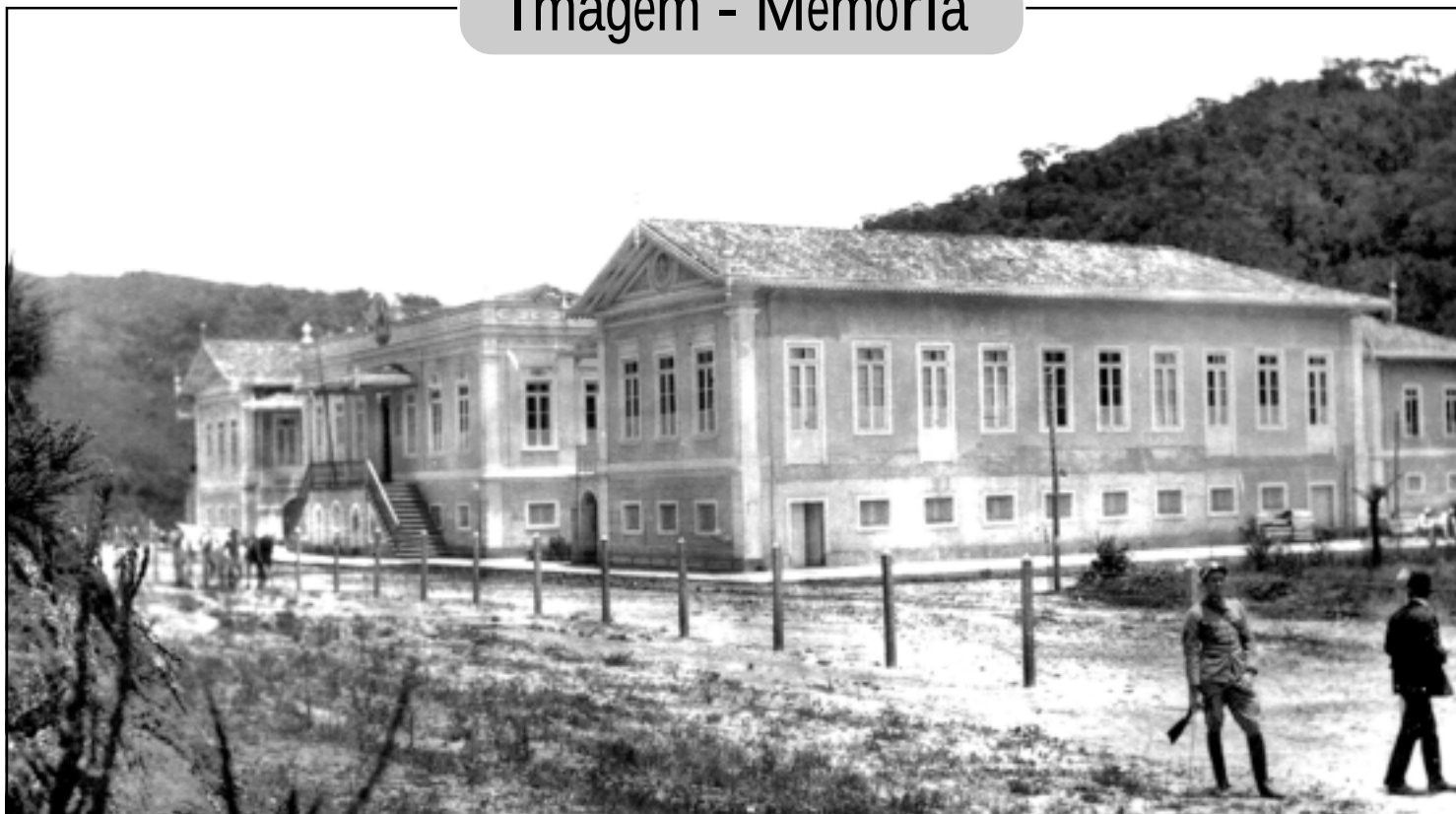
Piquete, humilde Vila do início do século 20, sem fontes de renda e sem perspectiva de desenvolvimento, teve a felicidade de ser escolhido para local de instalação da Fábrica. Foi a partir daí que a cidade nasceu. Todos passaram a viver em função dessa indústria bélica, mantendo com ela íntima relação. Toda a população dela se beneficiou, direta ou indiretamente.

A idéia da criação de um memorial da FPV no prédio da antiga usina, no ano de seu centenário, enche de orgulho e satisfação todos os que se preocupam com

a preservação do patrimônio histórico-arquitetônico-cultural de Piquete. Para a Fundação Christiano Rosa, que faz parte do grupo de estudos criado, bem como para várias pessoas do município que vêm trabalhando pela recuperação, preservação e divulgação do patrimônio da região, esse fato é de grande relevância. É fruto de anos de pesquisa e, sobretudo, de cobranças frente às instituições locais por políticas públicas que permitam a preservação, de maneira satisfatória, de nosso patrimônio.

A Fábrica é um marco da história bélica e da ação militar em Piquete, e a criação de um memorial possibilita o resgate de parcela significativa da história do município, pois é uma homenagem ao trabalho de milhares de brasileiros que aqui labutaram ao longo desses cem anos. Todo desenvolvimento alcançado pela Fábrica é devido aos pioneiros – operários civis e militares – que, com garra e determinação, assimilaram os novos conhecimentos e tecnologias que seriam transmitidos aos seus sucessores. Desde sua inauguração, foi constante a preocupação com seu patrimônio arquitetônico e paisagístico. Ao longo dos anos, muitas de suas construções tornaram-se expressão material de diferentes épocas. A revitalização do antigo prédio da Usina Hidrelétrica, primeira construção do complexo da Fábrica, bem como de seu entorno, é um presente da IMBEL para Piquete.

Imagem - Memória



Inaugurado em 10 de janeiro de 1908, no governo Afonso Penna, o Sanatório Militar dos Campos do Jordão era constituído por enfermaria, quatro galpões para moradia de oficiais, quartel, pavilhão de madeira para depósito de medicamentos, caixa d'água, olaria, pedreira, um prédio destinado à cozinha e casa de administração. Funcionando por aproximadamente cinco anos, foi desativado devido a várias dificuldades, entre elas a de acesso.

O Sanatório Militar dos Campos do Jordão

Ciente de que o governo de Campos Salles daria início a um amplo projeto de modernização do Exército, no qual estava prevista a construção de uma fábrica de pólvora sem fumaça e de um sanatório militar para tuberculosos, o Barão da Bocaina (Francisco de Paula Vicente de Azevedo) ofereceu gratuitamente ao governo federal terras em suas propriedades de São Francisco dos Campos e no Bemfica, para a instalação desses empreendimentos.

Em 1893, o Barão da Bocaina havia inaugurado a Vila de São Francisco dos Campos, na parte norte dos Campos do Jordão, no alto da Mantiqueira. Pretendia povoar essa região atraindo para lá colonos de outros países. Para melhor conhecê-la e divulgá-la, promoveu a vinda de renomados estudiosos, que constataram a riqueza do lugar, a abundância de águas e madeiras, a exuberância da paisagem e, principalmente, a excelência do clima. Localizada numa altitude de 1700m, era considerada a região mais saudável do Brasil, desfrutando de clima frio e seco, especialmente entre os meses de maio e setembro. Especialistas apontavam que nenhum lugar do país oferecia aos atacados por moléstias pulmonares condições mais benéficas para tratamento do que os campos elevados da Mantiqueira. A esse respeito assim se exprimiu o ilustre clínico Dr. Luiz Pereira Barreto: "A meu ver, os campos do Jordão constituem uma estação sanitária de inestimável preço. É nas moléstias do peito, nos tuberculosos pulmonares, que se mostra soberana a ação do clima dos campos do Jordão. Não temos palavras para exaltar a grandeza deste precioso recurso, quando se trata de uma medonha moléstia perante a qual a medicina está completamente desarmada". Provavelmente, este foi um dos argumentos usados pelo Barão da Bocaina

para trazer o Ministro da Guerra de Campos Salles, Marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet, e uma comitiva para conhecer a região de Piquete e São Francisco dos Campos, em janeiro de 1902. Após três dias de visita técnica, decidiu-se pela construção do sanatório militar na planície de Lavrinhas, no norte dos Campos do Jordão, e da fábrica de pólvora na região da Fazenda do Bemfica. Esse sanatório era uma enfermaria militar especial destinada a tratamento higiênico-dietético e farmacêutico dos oficiais e praças do Exército afetados por tuberculose de forma clínica, julgada curável ao influxo do clima do lugar.

Como era conveniente ligar, por estrada de ferro, a fábrica de pólvora à Central do Brasil, o ministro constituiu, sob a direção do Cel. Belarmino de Mendonça, a "Comissão de Construção do Ramal Férreo Lorena-Bemfica" e, sob direção do Ten. Cel. Teixeira Maia, a "Comissão do Sanatório Militar dos Campos do Jordão".

Para a construção do sanatório, foram imediatamente destacados quatorze operários do Arsenal de Guerra e mais quarenta praças, que iniciaram, de imediato, os trabalhos, em 24 de fevereiro de 1902. O Decreto nº 4663, de 12 de novembro de 1902, aprovou o regulamento especial para seu adequado funcionamento, tendo em vista a localização isolada. As obras avançaram rapidamente, de maneira que, em poucos anos, um complexo hospitalar estava em construção no alto da Mantiqueira. No ano de 1904, havia sido construída uma enfermaria, quatro galpões para moradia de oficiais e um quartel do destacamento, além de pavilhão de madeira para depósito de medicamentos, uma caixa d'água, uma olaria, preparo de uma pedreira, reparação da estrada entre Piquete e Lavrinhas e plantio de árvores frutíferas. No final de

1905, estavam construídos passadiços ligando os edifícios, varandas em arcos todas ladrilhadas, com gradis de ferro numa extensão de 97m. As obras do ano de 1906 consistiram na construção de um edifício destinado à cozinha e outro à casa de administração. A inauguração do Sanatório aconteceu em 10 de janeiro de 1908. A partir de então, a Comissão Construtora ocupou-se com trabalhos de campo e escritório, entre os quais o projeto da estrada. O serviço de transporte era feito de Lorena a Piquete pelo ramal férreo; daí até o Sanatório, seguia-se por meio de cargueiros e carretas puxadas por bois.

Com a mudança do local destinado à instalação da fábrica para as fazendas Sertão, Limeira e Estrela do Norte, o ramal férreo não chegou até o Bemfica, próximo ao sanatório. Pelas dificuldades de acesso, o sanatório acabou por ter curta duração, deixando de funcionar poucos anos depois.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Raimundo Pereira da Silva

Na rua Comendador Custódio, próximo à Praça da Bandeira, uma barbearia chama a atenção dos transeuntes mais observadores. Trata-se da barbearia de Raimundo Ribeiro da Silva, que guarda muitas lembranças de Piquete e do movimento existente no centro da cidade, nas décadas de 1960 e 70. São muitas as histórias e recordações que tem para contar. É só estimular sua memória, para que ela logo se multiplique. E haja história...

Esse mineiro de Itajubá nasceu a 10 de maio de 1927, filho do casal José Ribeiro da Silva e Maria Rita Ribeiro. Aprendeu o ofício de barbeiro aos quatorze anos de idade observando antigos profissionais dessa área, dos quais recebeu dicas e alguns ensinamentos. Logo o pai comprou-lhe as ferramentas necessárias para o trabalho, e Raimundo iniciou o corte de cabelo de crianças, dos vizinhos, irmãos e do próprio pai. Trabalhava em casa, com tal dedicação, que logo se formou uma freguesia. Pouco tempo depois, transferiu-se para um salão no bairro da Varginha, em Itajubá, próximo à Igreja de São Benedito.

Naqueles tempos não havia cabeleireiros, só oficiais barbeiros, que faziam barba, cabelo e bigode. Os cortes de cabelo eram de dois tipos apenas: havia um padrão. Raimundo trabalhou em sua cidade natal até os 30 anos, quando, em 1958, mudou-se para Piquete.

Pensava em se empregar na FPV, mas acabou por abrir uma barbearia na rua Capitão José de Brito, na Vila Barão, onde permaneceu por pouco tempo: mudou-se para um novo ponto na Comendador Custódio. Teve seu salão em outros lugares, mas, nos últimos anos, retornou para o centro da cidade.

Recorda-se de que no início da década de 60, havia três barbearias na região central da cidade: a dele; a do senhor José Luiz



Ribeiro, no prédio do antigo Caloric, na Praça da Bandeira, e o salão do Chiquinho Barbeiro (Francisco de Assis Viana), na rua do Piquete, ao lado do Bilhar do José Seraphim. Todos movimentados. A FPV empregava cerca de três mil operários. Havia, ainda, as escolas do Departamento de Educação, com milhares de alunos, e o Contingente da Fábrica. O movimento da Praça da Bandeira era grande – havia o Hotel Brasil e dois clubes: o da Associação Comercial e o dos Ex-Alunos. O comércio era pequeno, mas o centro era agitado pela presença de operários, estudantes e soldados do Contingente. Esse movimento todo redundava em muito trabalho para os barbeiros.

Seu Raimundo conta-nos que os barbeiros sempre foram muito bem informados. Na barbearia, conversa-se de tudo: “até coisas que não deviam ser faladas, aqui se fala...”. “Tem gente que passa horas no salão só para conversar, trocar idéias...”. “Outras chegam, conversam com todos, falam de tudo ou quase tudo...”. “Muitos entram só para pedir informações...”.

De sua barbearia, seu Raimundo assistiu às mudanças por que passou a sociedade piquetense. Acredita que a cidade, apesar das dificuldades, vem se transformando para melhor: adapta-se aos novos tempos, como todo lugar. O problema é que em Piquete é de maneira mais lenta.

Seu Raimundo tem duas filhas e cinco netos. Aos 79 anos, considera-se realizado na sua profissão, pois com ela conseguiu sustentar a família e estudar as filhas. Aposentado, continua a trabalhar fazendo barba, cabelo e bigode de grande número de fregueses, que mantêm com ele uma sólida relação de amizade e cordialidade. Apesar da frequência ser muito menor do que a dos anos sessenta, conserva antigos clientes, com os quais compartilha suas memórias.

Maus professores, isso é possível?

Laura Cristina Chaves

A violência ocorrida nas últimas semanas em São Paulo e outras cidades por um lado nos causaram preocupação, medo e insegurança. Por outro, permitiram-nos enxergar que, em qualquer categoria, quando há maus profissionais, dificilmente os bons aparecem e o trabalho fica comprometido no seu todo. Por incrível que pareça, os maus, mesmo quando em menor número, têm mais força que os bons. Isso está tão arraigado na sociedade, que a morte de alguns policiais não foi capaz de causar a mesma revolta que normalmente causaria a morte de bandidos. Por quê? Porque estamos fartos dos maus profissionais da polícia que se transvestem de homens da lei para atuarem de forma criminosos.

Ter maus profissionais não é privilégio exclusivo da polícia. Pode-se dizer que é um fenômeno que ocorre em todas as profissões. E, tanto na polícia, como nas demais profissões, o número de maus profissionais tende a crescer, e, com eles, a força contra o bem.

Pensemos agora na educação enquanto profissão. Ciente de suas especificidades, pode-se dizer que há maus profissionais no interior da categoria dos professores? SIM! Não se pode mais negar e tampouco fugir do enfrentamento dessa questão. Para a polícia temos a resposta na ponta da língua: *é preciso moralizar, expulsar os maus policiais*. O que fazer em relação aos maus professores? Usaremos outra medida?

O fato é que temos professores que não se comprometem com a aprendizagem dos seus alunos, não preparam suas aulas, não avaliam o desempenho dos alunos e muito menos o resultado do seu trabalho. Além disso, estabelecem com alguns pares e também com alguns alunos pactos de irresponsabilidade. Faltar nos dias letivos? Ninguém mais se espanta com isso!

E os bons professores? Realizam quase que solitariamente seus trabalhos e precisam, muitas vezes, justificar suas ações. Até quando? Até a educação, da mesma forma que a polícia, não gozar de nenhuma credibilidade perante a sociedade.

Por fim, precisamos refletir por que somos tão duros com a polícia e tão condescendentes com a educação? A sociedade reage instantaneamente quando sua segurança é ameaçada, mas não reage ou reage com excessiva tolerância quando a educação vai mal. Usamos, pois, pesos e medidas diferentes para direitos que deveriam ser iguais. Na atual escala de valores sociais, a Educação nem de longe se aproxima da Segurança, apesar da intervenção direta que poderia ter ao oferecer um ensino de qualidade a todos os brasileiros.

Laura Chaves, em maio de 2006

Seu Raimundo em atividade. Guilherme Colombo é um dos mais antigos clientes.



De pipas e adolescentes

Em livro recente – O Caçador de Pipas (Record, 2005) – traduzido do original em inglês “The Kite Runner”, de autoria de Khaled Hosseini, encontra-se um interessante relato sobre os competidores nas corridas de pipa e suas linhas vitrificadas à cola para caçar, cortar, dominar e derrubar.

O citado relato é dado na primeira pessoa pelo protagonista em idade adolescente, no Afeganistão. Contava doze para treze anos.

As competições de que participava constituíam-se verdadeiras batalhas entre os pipeiros, cada um fazendo impor a sua pipa, pois, a partir das lutas, a última que restasse seria a vitoriosa. À medida que caíam, eram disputadas pela molecada toda, estivesse nos telhados, nos topos das árvores, enganchadas nos fios elétricos, onde quer que fosse. Quem a alcançasse dela tomaria posse. Conta, por exemplo, a história do menino que escalou uma árvore alta, caiu de costas, nunca mais andou, mas conservou, após a queda, a pipa almejada.

Diz ainda que, a véspera de um torneio era como a véspera de uma batalha por soldados postados em trincheiras. Assim sentia-se quando desafiado pelo pai: propunha-se a ser um vencedor na guerra das pipas.

Discutindo regras para os torneios, conclamava os guerreiros: Não há regras! Faça voar a sua pipa. Corte os oponentes. Boa sorte!

As mais belas pipas eram compradas de um artesão quase cego, mas que as fazia com perfeição invejável e as assinava.

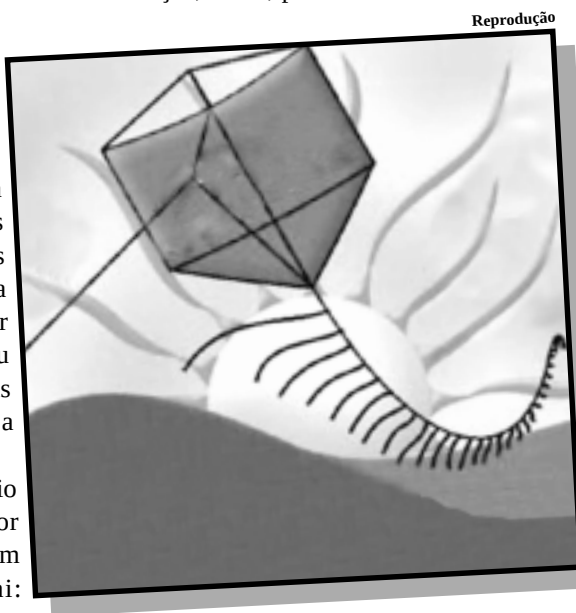
Fazer a pipa voar no dia da competição parecia, ao soltá-la, um pássaro de papel.

O torneio, sempre no inverno, se referia a uma determinada área da cidade de Kabul, capital do Afeganistão, e os competidores eram abrangidos por um conjunto de bairros cujos batalhadores estavam previamente inscritos, por viverem nos bairros propostos. Iniciada a competição, o brilho das pipas vermelhas, verdes, azuis, amarelas, em luta. Algumas já caíam. Gritos indicavam a direção para as corridas da posse. Não sem destacar a extraordinária importância do vento.

Chegado o dia, na luta contra uma vermelha, o protagonista em competição

levou a melhor. Uma soberba amarela, de cauda branca, provocou-lhe um movimento violento, que lhe cortou o dedo.

De cinquenta pipas em luta restavam cerca de doze – mas as que sobraram eram as dos melhores lutadores e caçadores. A luta continuava, os expectadores atentos por todos os lados – inclusive em cima dos telhados; mas não nos esqueçamos de que os telhados no Oriente Médio são em forma de terraços, isto é, planos.



O herói protagonista já havia cortado onze delas, segundo seu companheiro atento e servo fiel.

O tempo passando, pipas caindo, restaram quatro. Até que restou uma só oponente – a pipa azul. A tensão crescia!

A assistência toda: Corta! Corta! Era como, segundo o protagonista, os romanos nos circos estimulando os gladiadores: Mata! Mata!

O protagonista, menino de doze anos, finalmente venceu.

O companheiro, da mesma idade, filho de um servo da família, socialmente desprestigiado, seu defensor, foi à busca do grande troféu: a pipa azul derrotada. Encontrou-se com velhos rivais que exigiam a entrega da pipa azul conquistada, entretanto, prometida ao vencedor. Três inimigos que o surraram e o submeteram sexualmente.

E o vencedor a tudo assistiu covardemente, sem interferir. Negou depois

ao pai do companheiro ter conhecimento dos fatos. Recusou contar o que vira, recriminando o criado pelo atrevimento da insistência no questionamento. Entretanto, o remorso começava a atormentá-lo. Afinal, o protagonista, cujo companheiro, sendo servo, filho de servo do pai, era tratado como pertencente à classe inferior, segundo as normas dos estereótipos. Os pais, dois homens viúvos, com seus filhos únicos, adolescentes. Um de classe social alta e outro, de classe baixa.

Assim como entre nós, em relação aos proprietários e escravos. Meninos de elite brincavam com os filhos de escravos, mas estavam mantidas as questões hierárquicas. Sempre lembradas e impostas. Como se, embora do costume, fossem prescrições legais e naturais, porque eram aceitas por todos.

Jamais, por exemplo, admitir que um elemento de classe inferior pudesse ser mais capaz ou eficiente, ou inteligente que o de classe superior.

Ao servo cabia apoiar, estimular, direcionar o proprietário. Levá-lo à vitória e entregar-lhe o troféu conquistado na luta, embora levando a pior dos três adversários que o surraram e o vilipendiaram da maneira mais cruel. Luta desigual, pois ganhara e fora submetido aos membros da classe alta, como um cordeiro em sacrifício. Segundo a narrativa histórica, no século XIX, no Afeganistão, os Pashtuns venceram os Hazaras em guerra violenta, tendo ocupado suas terras, queimado suas casas e vendido suas mulheres. Assim os Pashtuns se impuseram.

Apelidados em formas estereotipadas, aos Hazaras cabia apenas a subserviência. Daí, possivelmente, a covardia do protagonista em evitar a surra, aplicada ao servo fiel e a negação em relatá-la ao próprio pai e ao do servo. Além de tudo, o protagonista carregava o sentimento de culpa por ter causado a morte da mãe no parto. Todos esses conflitos potencializavam-se em sua mente ao completar treze anos. Esta é uma história exemplar. A narrativa se desdobra em outros acontecimentos ligados à consangüinidade dramaticamente submetida pelos preconceitos. **Dóli de Castro Ferreira**



Lançamento do livro “Memórias Piquetenses”

de Wanderley Gomes Sardinha

Dia 16 de junho de 2006

A partir das 20h

Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”

Piquete/SP

Novo Bispo para a Diocese de Lorena

O Papa Bento XVI nomeou, no dia 26 de abril de 2006, para bispo da diocese de Lorena, o bispo titular de Nasai e auxiliar da arquidiocese de São Paulo, Dom Benedito Beni dos Santos.

Nascido em Lagoinha (SP) a 15 de janeiro de 1937, Dom Benedito foi ordenado Sacerdote em 22 de dezembro de 1962. Sua ordenação episcopal aconteceu em Taubaté, no dia 09 de fevereiro de 2002. Foi nomeado Bispo Titular de Nasai e Auxiliar do Exmo. Cardeal Arcebispo de São Paulo, a 28 de novembro de 2001. Atualmente, é responsável pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, pelo Secretariado Arquidiocesano de Pastoral e pela Catequese da Arquidiocese de São Paulo. O novo bispo tomará posse, em Lorena, no próximo dia 18 de junho.

Carta de Dom*** Benedito à Diocese de Lorena:**

“São Paulo, 26 de abril de 2006
‘A graça do Senhor Jesus esteja convosco! Com todos vós está o meu amor em Cristo Jesus.’ (1 Cor 16, 23-24).

Hoje está sendo publicada minha nomeação para Bispo da Diocese de Lorena. Agradeço ao Santo Padre Bento XVI a confiança em mim depositada. É com alegria que acolhi esta nomeação, a mim transmitida na tarde de Quinta-feira Santa, pelo Senhor Nuncio Apostólico Dom Lorenzo Baldisseri.

O Magistério da Igreja expressa a missão do bispo com diversas imagens: pastor, pescador, pai, irmão, amigo, portador de conforto, servidor, mestre, homem cheio de bondade, e outras ainda. Dessas imagens, escolho três para me apresentar à Igreja Particular de Lorena: pastor, irmão e amigo.

No dia de minha ordenação, coloquei o meu ministério sob a proteção de Nossa Senhora, escolhendo como lema do meu episcopado as primeiras palavras de uma antiga oração a Nossa Senhora, que recitávamos, diversas vezes ao dia, no tempo de seminário: Sub tuum praesidium (Sob a tua proteção). Neste dia, renovo o mesmo propósito: coloco o meu ministério na Diocese de Lorena sob a proteção da Padroeira: Nossa Senhora da Piedade. Com a sua proteção e exemplo, ela me ajudará a ser para todos pastor, irmão e amigo.



Venho não para iniciar uma nova caminhada, mas para inserir-me na caminhada histórica de todo o Povo de Deus. Venho, não para excluir, mas para promover a unidade e a comunhão. Venho, não para dispersar, mas para acolher e servir.

Saúdo fraternalmente os Bispos da Província Eclesiástica de Aparecida: Dom Raymundo Damasceno Assis, amigo e colega dos tempos saudosos de estudantes em Roma; Dom Carmo João Rhoden, Bispo de minha Diocese de origem, Taubaté, amigo fiel a quem muito estimo; Dom Moacir Silva, Bispo de São José dos Campos. Saúdo também o Padre Vilson Dias de Oliveira, Administrador da Diocese de Caraguatatuba. Quero saudar e manifestar o meu reconhecimento ao Cardeal Aloísio Lorscheider, Arcebispo Emérito de Aparecida, e Dom Antônio Afonso de Miranda, Bispo Emérito de Taubaté.

Uma saudação carinhosa ao Padre João Bosco de Carvalho, atual Administrador da Diocese de Lorena. Minha saudação a todo o clero, aos religiosos e religiosas, aos seminaristas e a todos os cristãos leigos engajados nas pastorais, movimentos e meios de comunicação social.

Saúdo também os irmãos das Igrejas e Comunidades Cristãs, com as quais a Igreja Católica se sente em comunhão verdadeira e profunda, ainda que imperfeita. Estendo minha saudação também aos irmãos de outras Religiões.

Minhas cordiais saudações às autoridades civis e militares, que servem ao povo nas diversas cidades da Diocese.

Ao despedir-me da Arquidiocese de São Paulo, quero agradecer ao Cardeal Dom Cláudio Hummes, que me acolheu como Bispo Auxiliar. Sua Eminência tem sido sempre, para seus Bispos Auxiliares, pai, mestre e amigo. Trabalhamos sempre em perfeita comunhão. Aos Bispos Auxiliares da Arquidiocese, ao Clero, sobretudo ao da Região Episcopal Lapa, o meu profundo reconhecimento pela amizade sincera e colaboração.

Dom Benedito Beni dos Santos”

Memorial do relógio e o calendário

*É gratificante na vida prolongada
Ouvir as horas cadenciadas
Do relógio da Matriz de São Miguel,
A antiga, cujas torres ponteiavam-se
Pelos galos, e, neles, a direção dos ventos.*

*Na calada das noites,
Nas madrugadas frias
Pontuadas de sonhos
Esperando o amanhecer,
A vida fiando-se,
tecendo-se,
Elaborando-se,
Se poesia houver para cantar,
Melhor ainda.
Quem do ofício sabe se desempenhar,
Quem tem a sensibilidade faz,
Pois, mais do que fazer,
A qualidade se descobre
No tentar sabe dizer.*

*O relógio retomado em seu ofício.
Fez do ofício do prefeito
Luiz Carlos Beraldo Leite
A sua perene trajetória.
Renovado,
Feliz, o prefeito anunciou
No fim de seu mandato:
O relógio funciona, e funcionou!
Um no outro se pereniza,
No tempo que marcamos
Nas trajetórias efêmeras.
Nas alegres crianças renovando-se
Nos caminhos das escolas
O anúncio fixado é semente.
Responde como marca calendária.*

Dóli de Castro Ferreira



Crônicas Pitorescas

Das significações

José Palmyro Masiero

Saía do serviço às dezoito e chegava em casa pelas vinte horas quase que diariamente. Trabalhava perto, razão de ir a pé para o ganha-pão. Não era de biritar após o expediente, nem de rodinhas de rolar conversa. Ante o exposto, era razoavelmente justificável a mulher andar meio cabreira com suas demoras, e todas as vezes que perguntava onde ficara, simplesmente dizia estar por aí. Mas, certo dia, talvez num daqueles, nervosa, imprensou o homem contra a parede:

– Hoje você vai me dizer onde fica depois do serviço! Imperativa, dirigiu-lhe.

– Gosto de errar um pouco nesse período... – tranqüilamente disse.

Meus concidadãos, a mulher virou uma fera!

– Bem que eu andava mesmo desconfiada! Mas jamais imaginei que seu descaramento chegasse a esse ponto de me confessar suas bandalheiras assim... assim... tão friamente!

Começou a gritar: – Por certo, considera-me sem sentimentos, sem amor próprio! Fica na pouca-vergonha e me diz isso na cara, como se fosse a coisa mais natural do mundo! Caiu no sofá e no choro.

O marido, apatetado ante tanta veemência inflamatória-ofensiva contra si, sentou-se ao lado da esposa e, entre atônito e assustado, quis saber:

– O que foi que eu fiz?

– Você é infame. Pra mim é que vem perguntar?

– Mas se não sei o que aconteceu, ora! Pode me explicar a causa de tanto esculacho?

– Você não acabou de confessar com o

maior caradurismo o que faz depois do serviço?

– Mas, que diabos faço eu após o serviço?

– Além de tudo, um cínico! Esbravejou a cara-metade lá dele.

– Quer parar de chorar e de me xingar e dizer que raio de coisa foi que confessei, pô! Enervou-se o marido.

– O que disse você quando perguntei onde ficava?

– Errando...

– E ainda confirma, descarado! Gritou histérica.

– E existe alguma coisa de mais errar um pouco depois do batente?

– Que acha se eu também começar a errar?

– E daí! Poderemos errar juntos, se você gostar!

– Tarado, mente corrompida, patife, biltre! despejou irada sobre o apalermado marido que, em segundos, ruborizou-se, enraivecido, e, num ímpeto, saiu porta a fora, batendo-a com estardalhaço.

A mulher permaneceu chorando por um bom tempo. Decidiu, fechou a casa e foi para a de sua mãe, olhos vermelhos e recendendo indignação. Chegou e lá encontrou o marido historiando os acontecimentos.

Para encurtar a história, pois até seu final o bate-boca foi longo na casa de Irene (nome mesmo da sogra-mãe), diremos que o “errar” do homem era vagar, andar à toa, sem destino, reflexionando, hábito adquirido desde jovem. Foi preciso dicionário para convencer a mulher da honestidade do marido errante. Devagar, comadre!

Saudade
Do tempo sorriso
Quando a dor
Ainda não sabia
Em que parte da vida
Eu residia
Com a minha carga
De vir-a-ser
Cor de pêssego
E meu olhar de espanto
Posto nos círculos
Que a água fez
Com a queda
Do meu sorriso
E a chegada da dor

Vera Lúcia Machado

Em dia de chuva
Eu tenho vontade
De ser como antes
As palavras não havia
Não havia nada em mim.
Hoje tenho tanta coisa
Tanta idéia
Tanto abuso
Tanta noite
Tanto frio
E por isso
Fico à margem.
Nessa carga de viagem
Enchi tanto minha vida
Que já não caibo
Mais em mim.

Vera Lúcia Machado

O último dos cururus

Edival da Silva Castro

Nasci no rio. Os tubos gelificados expelidos por minha mãe misturaram-se ao aguapezal do local e logo os ovos eclodiram em milhares de girinos. No meio daquela negritude toda fiquei aparvalhado, procurei esconder-me para evitar os insaciáveis predadores. Após três meses de correria, a metamorfose. À fase de adulto começava. A vida aquática ficava na lembrança. Aquele rio de águas turvas irá servir somente para posteriores reproduções.

Na debandada para a terra, meus irmãozinhos espalharam-se por aí. Alguns permaneceram na cidade, perplexos pela luminosidade; outros partiram para as lavouras, atraídos pelas pragas. Nenhum deles teve sorte. O progresso devorou-os.

Tornei-me adulto vistoso, abrutalhado, de pele verrucosa, de um colorido amarelo com tons verdes e abdome amarelo claro com manchas pardas. Peçonhento só no jeito.

Não precisei ir longe. Ali pertinho encontrei o lugar dos meus sonhos. Sendo insetívoro, um belo jardim, engradado, com muitos coleópteros e artrópodes beijando as flores. Entoquei-me sob a guarita de um cachorro. Local adequado para os notívagos.

Numa madrugada qualquer, quando dava umas voltinhas apetitosas pelo jardim, o cão saiu correndo e latindo de sua casinha e foi até a grade. Latiu, latiu, latiu. Outros responderam. Fiquei admirado com a brabeza dele, sem, contudo, saber o que estava acontecendo. Aí virou-se para o meu lado e veio farejar-me. Farejou-me e repetiu o farejo. Para defender-me inflei e quase estourei de medo. Calmamente, balançando o rabo, recolheu-se. Acho que tínhamos ficado amigos. Foi a única vez que o vi. Durante o dia ele fica por ali e eu, entocado; à noite, vice-versa.

Numa linda noite de luar, estava eu no jardim caçando. Os bichinhos voavam e revoavam em volta às luzes, como magnetizados. Cansavam e caíam – aí faziam meu prato predileto. Eram muriçocas, grilos, mariposas e besouros que enchiam minha gula de prazer. Mal sabia que eu estava cumprindo minha parte no equilíbrio do ecossistema.

Numa outra noite, friorenta e chuvosa, ouvi distante um coaxo chamativo. Uma sapa coaxava amorosa. Fiquei apreensivo, estático. Deixar o encanto do jardim era quase impossível e não atender ao pedido de procriação era um vexame. Então, fui atrás do meu coração. Pulando, às vezes marchando ou engatinhando, corri para o meu destino. Traspassei a grade e me vi na rua. O clarão das lâmpadas dos postes refletia-se no asfalto molhado. Eu, angustiado, pulava-pulava com sofreguidão.

De repente, uma luz intensa e veloz misturou-se ao coaxar já próximo, e ...

A globalização atropelou o insignificante sapo-cururu. A culpa é do sistema. Desse sistema torpe e poluído que está sem freio há um tempão.

Sob a claridade incandescente das lâmpadas de néon, não há mais sapos catando besouros.

Doravante, vamos engolir besouros.

Fundação Christiano Rosa realiza encontro em Tremembé/SP

Dando prosseguimento ao projeto “Comitês das Águas: suporte operacional para encontros técnicos e capacitação de agentes em elaboração de projetos”, financiado pelo Fundo Estadual de Recursos Hídricos (FEHIDRO), a Fundação Christiano Rosa (FCR) realizou, dia 6 de maio de 2006, na Câmara Municipal da Estância Turística de Tremembé, SP, o VI Encontro Regional dos Comitês das Águas.

O evento foi aberto oficialmente por Edilson de Paula, Secretário Executivo do CBH-PS, que compunha a mesa oficial à qual estavam presentes Paulo Noia de Miranda, Presidente da FCR, Lázaro Tadeu F. da Silva, Coordenador de Organização dos Comitês das Águas Municipais, Paulo Sanchez, Coordenador do Comitê das Águas de Tremembé, e Benedito Jorge dos Reis, Diretor de Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Tremembé e José Luiz de Carvalho, Coordenador do Instituto Florestal – Secretaria de Meio Ambiente de São Paulo.



Também compareceu ao encontro o Prefeito Municipal de Tremembé, que fez uso da palavra agradecendo pela escolha da cidade para o evento, que julga de extrema importância. O prefeito fez questão de comparecer à Câmara Municipal logo após o ato religioso de transladação da imagem do Bom Jesus para Aparecida do Norte.

O Encontro tratou dos seguintes temas: **Mobilização e Organização Regional do Movimento “Nascentes do Paraíba”**, discutido por José Luiz de Carvalho, Rotnei Morato Erica, Presidente da ONG SOAPEDRA, Queluz/SP e Maria Cecília dos Santos, Vereadora da Câmara Municipal de

Arapeí/SP; **Estratégias e Instrumentos de Gestão dos Comitês nos municípios**, por Lázaro Tadeu F. Silva, Celso Giampá, diretor da Clínica de Engenharia – Lorena/SP, Iolanda Elias da Silva, da Casa do Pequeno Trabalhador – Cruzeiro/SP e Ana Maria de Gouvêa, da Fundação Christiano Rosa - Piquete/SP; **Diálogo Ambiental: “Da coleta ao Destino Final do Lixo no Vale**

do Paraíba”, apresentado por Mário Luiz Alves, Gerente da Agência Ambiental – CETESB de Taubaté / SP, Benedito Jorge dos Reis, e a EMPRESA VEOLIA – Unidade SASA, de Tremembé/SP. Por último, foram discutidas **Reflexões e Propostas do Comitê das Águas para a questão do lixo**, com a participação de Paulo Fortes, do Departamento de Agronomia da UNITAU, de Taubaté/SP e Paulo Sanchez, Coordenador do Comitê das Águas de Tremembé/SP.

Na plenária, o debate foi acalorado por contrapontos técnicos de grande valia. Foi possível a troca de experiências, com a vigorosa participação todos.



Vereadora de Arapeí



Prefeito de Tremembé

Na foto maior, à mesa oficial formada para o evento vê-se, a partir da esquerda, Lázaro Tadeu F. da Silva, Coordenador de Organização dos Comitês das Águas Municipais, Paulo Noia de Miranda, Presidente da FCR, Benedito Jorge dos Reis, Diretor de Meio Ambiente de Tremembé, José Luiz de Carvalho, Coordenador do Instituto Florestal – SMA/SP, Paulo Sanchez, Coordenador do Comitê das Águas de Tremembé, e Edilson de Paula, Secretário Executivo do CBH-PS. As fotos menores mostram alguns dos palestrantes e participantes do VI Encontro Regional dos Comitês das Águas.



Prof. Paulo Fortes, da UNITAU



Diretor da SASA



José Luiz de Castilho

Memória fotográfica de Piquete digitalizada

A Fundação Christiano Rosa (FCR) vem, há alguns anos, colecionando fotografias antigas de Piquete. Essa coleção vem crescendo em função de doações que chegam do município e de diferentes lugares do país.

Algumas fotografias encontram-se em péssimo estado de conservação devido não apenas à ação do tempo e ao desgaste natural, mas também por terem sido as imagens fixadas em suportes frágeis e suscetíveis à oxidação ou fungos.

O acervo fotográfico, que contém imagens desde o final do século XIX, é um rico patrimônio que está sendo preservado. Ciente da fragilidade desse material, a FCR o vem digitalizando, aos poucos. O trabalho vem sendo executado por Marcos Rogério Rodrigues Ramos e Laurentino Gonçalves Dias Jr. e objetiva preservar não somente as imagens desgastadas com risco de serem perdidas, como também as recentes, com vistas ao futuro. As fotografias escaneadas

são transferidas para um banco de dados eletrônico e catalogadas. Muitas, de tão deterioradas, encontram-se inidentificáveis. Nesses casos, é realizado um moroso e artístico trabalho de recomposição, com software adequado, que permite redescobrir detalhes que se acreditava perdidos.

A intenção de digitalização desse acervo, que já conta com milhares de imagens, é facilitar a busca, manuseio e reprodução das mesmas quando necessárias. Frequentemente, a Fundação Christiano Rosa é procurada por pesquisadores e universitários da região que desenvolvem trabalhos sobre Piquete e necessitam da iconografia para ilustração. Essa digitalização permitirá identificar uma sequência de imagens que mostram o desenvolvimento urbano da cidade, bem como famílias e personagens que ajudaram a construir o município. Facilitará, também, a recomposição de seu cotidiano em diferentes épocas.

Algumas imagens do acervo da FCR



Acima, à esquerda, procissão na antiga Matriz de São Miguel, na década de 1920. À direita, bloco carnavalesco "O Guarany", em Piquete, em 1931.



Acima, à esquerda, antigo prédio de administração da Fábrica de Pólvora sem Fumaça. À direita, proprietários da Fazenda Estrela do Norte, quando da sua venda para o Exército, em 1905.

Abaixo, à esquerda, inauguração do Hospital da FPV, em agosto de 1948, com a presença do Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra (primeiro à direita). À direita, primeira visita do Presidente da República, Getúlio Vargas (com chapéu na mão), a Piquete, em 1939.



Carta aberta a Luiz Carlos Beraldo Leite

Piquete, 20 de maio de 2006

Amigo:

Longe vão os dias do encontro feliz de meus avós paternos com seu pai, Horácio Pereira Leite. Doces lembranças restaram da convivência de minha mãe com sua irmã Maria Leite.

A vida põe uns diante de outros nas mais incríveis circunstâncias. No trabalho, na escola, na igreja. Até na guerra.

Eu me vi diante de você na poesia. A poeta e declamadora Mariinha Mota, sua irmã e guia. Você, menino e adolescente, já encaminhado para a beleza traduzida em palavras. Os dois respondendo presente. Nos recitais. Nos concursos de declamação.

O poeta é um "sentidor".

Muitas criaturas enxergam uma nuvem de pó no fim do atalho da vida. O poeta vai caminhando ofuscado pela luz que o chama, afastando-se a cada passo que dá.

Entre todos os "mal-te-vis" encaramitados nas árvores da estrada, o poeta escuta a saudação do bem-te-vi ao espreguiçar da aurora.

Entre bocas de esgoto e voçorocas, o poeta se delicia com o ingá debruçado na correnteza do regato.

Voltado mais para as sinapses do cérebro-alma, muitas vezes é acusado de descuidar-se das atividades do cérebro-cabeça.

Homero, Virgílio, Camões, Taunay estavam atentos aos feitos de seu povo.

Castro Alves – que você fez conhecer com suas magníficas interpretações – não ficou chorando diante de uma folha de papel. Foi à praça exigir justiça.

Meu amigo poeta, ainda estamos em tempo de luta.

A luz não vai fugir de você. Ela é sua.

O atalho se faz pedregoso. Mas, agora mesmo, um lagarto verde-azul escorregou por entre os seixos na direção do sol nascente.

Aguce os olhos! Atente os ouvidos! As aves de arribação gritam enquanto procuram calor.

E existem bem-te-vis depois da curva da tristeza.

Da amiga

Lea